

SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ

2017 – Ano B

Pistas homilético-franciscanas

Liturgia da Palavra: Eclo (Sirac) 3, 3-7.14-17^a; SI 127 (128); CI 3,12-21; Lc 2,22-40)

Tema-Mensagem: No espírito da alegria e da gratidão de Maria e José, que hoje sobem a Jerusalém parra oferecer e consagrar ao Senhor o Menino Jesus, ofereçamos nós também nossas famílias ao Pai de toda a Família humana e de toda a criação.

Sentimento: gratidão e alegria



Maria e José apresentam o Menino Jesus no templo (Rafael Uliano)

Introdução:

Logo após, ou melhor dentro da solenidade do Natal, celebramos hoje a apresentação do Menino Jesus no templo e com ela, a festa da “Sagrada Família de Jesus, Maria e José”. Esta, a família, é a primeira realidade humana na qual Cristo quer encarnar-se e na qual viveu os trinta anos da sua vida escondido do mundo.

1. O consagrado por excelência é levado ao templo para ser consagrado

A apresentação do Menino Jesus no templo tem como centro a famosa e misteriosa profecia do velho Simeão.

1.1. Os pais, Maria e José, levam o menino ao templo

O evangelho de hoje começa com a narrativa da subida de José e de Maria à Jerusalém e a primeira de Jesus para a capital sagrada, a cidade onde se esconde a vontade do Pai. No fundo o que move esta primeira cena está a velha lei judaica, segundo a qual todo primogênito á sagrado. Consequentemente deve ser oferecido a Deus e sacrificado. Todavia, como era proibido o sacrifício humano, este deve ser substituído por um animal puro (ovelha ou pomba). Mas, Lucas, ao descrever essa cena, provavelmente queira dizer que Jesus é o primogênito não apenas de Maria e José, mas também do próprio Deus: o Filho Unigênito do Pai. Em segundo lugar, talvez queira dizer, também, que esta oferta ou consagração só ficará plenamente esclarecida e consumada no Calvário, onde Jesus não será mais substituído por nenhuma outra oferta, porque Ele mesmo, em pessoa, se oferecerá ao Pai como seu Filho primogênito, para a salvação dos homens. E lá, no gólgota, na cruz, junto ao novo templo de Deus, para todo o povo, para toda a humanidade, ao consumir seu amor, sua entrega ao Pai, de novo, estará presente sua mãe como aqui no velho templo de Salomão.

1.2. O velho Simeão e sua profecia

No centro da narrativa, porém, está uma importante revelação. Jesus é oferecido ao Pai, que por sua vez, responde enviando a força do Espírito ao velho e misterioso Simeão (2,25-35) que, tomando o Menino nos braços, faz a famosa e enigmática profecia: “Agora, Senhor, conforme tua promessa, podes deixar vosso servo ir em paz, porque meus olhos viram a tua salvação” (2,28-30). Ora, o que representa este velho Simeão senão o antigo Israel que agora

pode repousar tranquilo, pois sua luta, sua história, sua esperança não termina em vão?! Ele viu a salvação de seu povo e sabe que sua meta, agora, é o triunfo da vida presente naquele Menino. Na vida desse Menino, filho da promessa, encontrarão sentido todos aqueles que lutam, buscam e esperam, enfim, a humanidade toda, os novos filhos de Adão.

Tomando, então o menino nos braços, com poucas, mas belas e emotivas palavras, proclama o conhecido hino de louvação, que a Igreja recorda e canta todos as noites ao findar suas lides diárias. Vistas, porém, a partir de um olhar um pouco mais profundo essas palavras encerram um destino de dor e de luta: “Este Menino vai ser causa de queda e de reerguimento para muitos em Israel. Ele será um sinal de contradição... Quanto a ti (Maria) uma espada te traspassará a alma” (2,34-35). Assim, desde o princípio de sua vocação até o Gólgota, Maria aparece como sinal da Igreja que carrega em si toda a graça salvadora de Jesus, mas que, também ela, por isso, se transforma em sinal de divisão e de desencontro. Começa a abrir-se, assim, uma clareira de vida e de esperança que culminará no calvário e se estenderá para toda a Igreja e para toda a humanidade até o fim dos tempos (Cf. *Comento dela Bibbia Liturgica*, Edizione Paoline, 1981, pag. 1135-1136).

Assim, quando o Evangelho diz que Jesus foi levado à Jerusalém, ao templo, a fim de ser apresentado e consagrado ao Senhor, Lucas não está falando num sentido apenas físico e geográfico, mas dando-nos um ensinamento existencial, espiritual: o caminho do Primogênito de Deus é o da humildade, o da sujeição aos homens e ao seu Pai, caminho que depois encanta São Francisco a ponto de fazer dele sua Regra e forma de vida: seguir a Pobreza, a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo (RNB).

2. Jesus, Maria e José, princípio do matrimônio cristão

Na segunda leitura de hoje, o apóstolo Paulo, depois de haver elencado um conjunto de vícios que formam o homem velho, nos apresenta uma série de virtudes positivas que constituem o ato de investidura do homem novo, não apenas em benefício próprio, mas de toda a comunidade, a Igreja e a humanidade: “Revesti-vos de sincera misericórdia, humildade, bondade, mansidão e paciência, suportando-vos uns aos outros e perdoando-vos mutuamente... Mas, acima de tudo amai-vos uns aos outros, pois o amor é o vínculo da perfeição” (Cl 3,12-15).

Está posto assim, o fundamento de toda a comunidade cristã, em especial a da família. O Matrimônio cristão que, assim como o celibato apostólico e evangélico, é “*por causa do Reino dos Céus*”, não tem outro princípio e outra lei do que o Amor-Caridade-doação-entrega: “*Amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, também vós deveis amar-vos uns aos outros*” (Jo 13, 34). Este mandamento é incumbência e é graça. Por isso, bem no coração e na essência do rito do sacramento do matrimônio os noivos proclamam e declaram: “Serei teu/tua na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te todos os dias de minha vida”.

Como as demais vocações também o casamento, portanto, é fruto da graça e da alegria do encontro, do enamoramento, tão bem decantado pelo Cântico dos Cânticos: “Como és bela, minha amada, como és bela! São pombas teus olhos escondidos sob o véu... roubaste meu coração. Minha irmã, minha noiva, roubaste meu coração com um só dos teus olhares... Que belos são teus amores...” (Ct 4). E conclui o poeta sagrado: “*O amor é forte, é forte como a morte... Águas torrenciais não conseguirão apagar o amor, nem rios poderão afogá-lo. Se alguém quisesse comprar o amor com todos os tesouros da sua casa, receberia somente desprezo*” (Ct 8,6s).

A graça deste tesouro, porém está em nós como em vaso de barro. Por isso, se o homem não se cuida pode tornar-se escravo dessa força. Daí a afirmação do Papa Bento XVI em sua encíclica *Deus Caritas est*: “*Somente*

quando ambos (corpo e alma) se fundem verdadeiramente numa unidade é que o homem se torna plenamente ele próprio. Só assim é que o amor pode amadurecer até sua verdadeira grandeza". Na mesma encíclica, o Papa insiste em mostrar a beleza e a grandeza do matrimônio: recriar o Amor que é Deus na família, na igreja, no mundo. Por isso, fala que o amor erótico é também o de Deus por nós: Deus assume a natureza humana para amá-la e ser amado.

Maria e José aceitaram, no amor-gratuidade, a missão de serem mãe e pai (cuidador, protetor, educador) de Jesus. Nesta aceitação, mostraram uma disponibilidade incondicional: Maria pelo seu "Sim" ao anjo e José pelo seu silêncio após o sonho.

Assim como Jesus no Natal se reveste e se sustenta na força da não-força que é a pura gratuidade do amor que é o Pai, a misericórdia, também o homem e a mulher que se unem em matrimônio se entregam nas mãos de Deus, fonte do amor e da vida num "sim" recíproco, generoso e total. Deus se alegra com júbilo ao ver o seu "Sim" ser assumido pelo "sim" dos esposos tornando-os instrumentos de seu querer benevolente para com os humanos. "Deus diz realmente, e com incrível condescendência, sim para vosso sim; mas, enquanto Ele fizer assim criará ao mesmo tempo algo totalmente novo: Ele cria do vosso amor – o santo matrimônio" (D. Bonhoeffer)¹.

O matrimônio é mais do que o amor conjugal uma vez que o casal deixa de mirar apenas a própria felicidade terrena, e eles passam a ser postos como responsáveis pelos homens, cuidadores deles, na grande família do Pai eterno. O amor do casal se torna, então, uma incumbência, e uma missão, que participa da missão do Filho na encarnação. Como Obra da graça, não é o amor que sustenta o matrimônio, mas o matrimônio que sustenta o amor conjugal. E Deus se faz fiador do matrimônio comprometendo-se guardá-lo contra todo o poder do mundo, contra toda a tentação, toda a fraqueza humana. Basta que o casal

¹ "Sermão da cela para um casamento". Em: Resistência e Submissão, p. 39 ss.

a Ele se confie, deixe-se guiar por Ele, na abertura da obediência da fé, como fizeram Maria e José ao longo de toda a sua missão de pais deste Menino misterioso. Assim, o casal cristão pode dizer: “nós não podemos mais ser perdidos um ao outro, nós pertencemos um ao outro pela vontade de Deus até morrer” (idem).

3. Diferentes na unidade e unidos na diferença

O matrimônio cristão é uma comunhão “*no Senhor*”, assim expresso pelo Apóstolo Paulo: “*Esposas, sede submissas aos vossos maridos, como convém no Senhor. Maridos, amai as vossas esposas e não as trateis com aspereza*” (Cl 3,18-19). Este modo de dizer “*no Senhor*” resume tudo. Homem e mulher são iguais e são diferentes. Há uma igualdade na essência e uma diferenciação nas manifestações. É o sentido da exclamação de Adão na criação da mulher: “*Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela se chamará humana, pois do humano foi tirada*” (Gn 2, 23). Homem e mulher são, no entanto, diferentes. Porém, sem detrimento desta diferença, são atraídos para a unidade e para a formação de uma identidade no amor: “*Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para ligar-se à sua mulher, e se torna uma só carne*” (Gn 2, 24). Com esta união, cria-se um lar, uma família, uma fraternidade. Neste lar, estabelece-se, então, a difícil tensão e o difícil equilíbrio da vida.

O amor é o que constitui a unidade dos diversos, a identidade dos diferentes, a igualdade dos desiguais. Mestre Eckhart diz: “Assim, deve ser um o teu amor, pois o amor não quer estar em nenhum lugar a não ser ali onde existe igualdade. Uma mulher e um homem são desiguais; no amor, porém, eles são totalmente iguais. Por isso a Escritura diz muito bem que Deus fez a mulher de uma costela, tirando-a do lado do homem, e não da cabeça ou dos pés” (Sermão 27).

Assim, a mulher é o primeiro outro do homem, mas um outro que é, na essência, o mesmo, isto é, a mesma natureza, a mesma essência: “o osso *dos meus ossos e a carne da minha carne*”. Assim, homem e mulher se encontram não como simples macho e fêmea, mas como pessoas, no face-a-face. O desafio é que se encontrem o homem humano e a mulher humana, como companheiros na viagem, que é a experiência da vida. Assim caminharam Maria e José, como companheiros, homem humano e mulher humana. A encarnação de Cristo veio nos ensinar isto – a sermos homens humanos e mulheres humanas.

“*No Senhor*”, os cônjuges cristãos têm a graça de serem tais, isto é, senhores um para o outro, jamais escravos. “*No Senhor*”, o instinto de dominação de um sobre o outro se inclina reverente e se converte na disponibilidade do serviço e do amor. “*No Senhor*”, para a mulher, servir ao marido não é uma vergonha, mas uma honra. “*No Senhor*”, para o homem, amar a esposa não é uma fraqueza, mas uma virtude, um vigor do ânimo. A ordem que surge na família que se reúne “*no Senhor*” não se constitui a partir da reivindicação do poder de dominação. Em Cristo, o poder sofre uma guinada: vira serviço. Por isso, “*no Senhor*”, marido serve à esposa, pais servem aos filhos, como Cristo, pela Encarnação, assumiu a forma de servo e deu, como lição da última ceia e da cruz, o exemplo do lava-pés. Na Cruz, o Esposo, Cristo, deu a vida à sua esposa, a Igreja, (nova humanidade), que nasceu de seu lado ferido pela lança, como nova Eva (Vida) que procede do novo Adão (Humano). Assim, o “como Eu vos amei, amai-vos uns aos outros” se põe como lei régia do matrimônio e da família que compartilha a vida comum “*no Senhor*”.

Conclusão

“A Bíblia, em suas inúmeras páginas, vem recheada de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares, desde as primeiras páginas onde entra em cena a família de Adão e Eva, com o seu peso de violência, mas também com a força da vida que continua (Cf. Gn 4), até às últimas páginas onde aparecem as núpcias da Esposa e do Cordeiro” (Cf. Ap 21, 2.9) (AL).

Seja de que tamanho, origem, status ou forma for, “no centro, de toda família, encontramos o casal formado pelo pai e a mãe com toda a sua história de amor. Neles se realiza aquele desígnio primordial que o próprio Cristo evoca com decisão: «Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher?» (Mt 19, 4). E retoma o mandato do livro do Génesis: «Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (Gn 2, 24) (AL). Por isso, “o casal que ama e gera a vida é a verdadeira «escultura» viva (não a de pedra ou de ouro, que o Decálogo proíbe), capaz de manifestar Deus criador e salvador” (idem).

Que a graça do Ano do Laicato, ajude pai, mãe e filhos a serem “cristãos leigos e leigas, sal da Terra e luz do Mundo”; que saibam que a “ALEGRIA DO AMOR” que vivem nas famílias é também o júbilo da Igreja; que apesar dos numerosos sinais de crise no matrimónio, «o desejo de família permanece vivo, especialmente entre os jovens; que «o anúncio cristão sobre a família é verdadeiramente uma boa notícia» (AL).

Fraternalmente,

Marcos Aurélio Fernandes e Frei Dorvalino Fassini, ofm